

**MANIFESTAÇÕES DO GROTESCO EM “ALGUMA COISA URGENTEMENTE”,
DE JOÃO GILBERTO NOLL**

***THE GROTESQUE MANIFESTATION IN “ALGUMA COISA URGENTEMENTE”,
BY JOÃO GILBERTO NOLL***

Marcos Rafael da Silva Neviani¹
Mestrando em Letras
Universidade Estadual Paulista
(marcos.neviani@gmail.com)

RESUMO: No presente trabalho proponho uma discussão sobre a presença da estética do grotesco no conto “Alguma coisa urgentemente” do escritor gaúcho João Gilberto Noll, de maneira que será possível demonstrar como ela manifesta-se ao longo desta narrativa e entender a sua função no processo de elaboração estética da obra. A fim de atingir esse objetivo, tem-se como apoio fundamental a teoria do grotesco apresentada por Bakhtin (1987) e Kayser (1986), além de outras obras de referência nos estudos sobre o grotesco. Da mesma forma, serão utilizados como apoio estudos realizados em torno da poética de Noll, tais como os de Costa (2009) e Sobreira (2010). Por tal feita, o artigo, primeiramente, teorizará a estética em questão de modo a evidenciar suas principais características e, nesse sentido, construir um conceito operacional de grotesco literário que será utilizado ao longo da análise. Assim, vale adiantar que por meio da análise, vê-se que o grotesco neste conto de Noll se dá por meio de rebaixamentos, degradações e quebras de expectativa, gerando no leitor um estranhamento que culminará em um questionamento da visão usual de literatura.

Palavras-chave: João Gilberto Noll; Grotesco; Corpo; Conto

ABSTRACT: This paper aims to discuss the grotesque manifestation in the short story “Alguma coisa urgentemente”, by the Brazilian writer João Gilberto Noll. Thus, it demonstrates how this aesthetics is manifested during the narrative and helps to understand the grotesque function in the process of artistic elaboration of this literary work. To achieve this purpose, this article has as its fundament the grotesque theory proposed by Bakhtin (1987) and Kayser (1986), and also other important papers about the grotesque. Likewise, it will be used studies about Noll’s poetics as Costa (2009) and Sobreira (2010). Thereby, this paper will theorize about this aesthetic in order to demonstrate its principal characteristics and, accordingly, present an operational concept of literary grotesque which will be used during the analysis. Therefore, by the analysis of this short story, it is already possible to say that the grotesque is presented by depreciations, degradations and unexpected breaks, causing in the reader an estrangement which finds its climax in the questioning of the common vision of literature.

Keywords: João Gilberto Noll; Grotesque; Body; Short Story

Considerações sobre o grotesco

Ainda que em sua aparência a estética do grotesco seja pautada pelo caos, ela não se constrói de forma aleatória, misturando-se elementos de maneira

¹ Bolsista CAPES

disparatada e sem qualquer ordem. Pelo contrário, o grotesco se constrói a partir de traços realizados conforme uma harmonia própria. Nesse sentido, traços que compõem o grotesco, se postos em outra ordem, podem já não mais fazê-lo.

Bakhtin (1987, p. 9) aponta que o grotesco é o produto de uma visão que busca opor-se às ideias de perfeição e acabamento, e, conseqüentemente, a qualquer pretensão de imutabilidade e eternidade. Dessa forma, para o autor, o grotesco “caracteriza-se, principalmente, pela lógica original das coisas ‘ao avesso’, ‘ao contrário’, das permutações constantes do alto e do baixo (‘a roda’), da face e do traseiro” (BAKHTIN, 1987, p. 10). Neste sentido, o grotesco coloca em evidência a maneira que o homem organiza o mundo, de forma que penetra nas estruturas sociais até onde venha a descobrir sua aspereza e, ao fazer isso, transforma aquilo que é alto em baixo, o que é baixo em alto. Assim, se pensarmos que as noções de alto e baixo, ou seja, superior e inferior, compõem uma tendência do ser humano de pensar as organizações do mundo em uma estrutura vertical, então o artista que se apoia no grotesco como estética para a construção de sua obra busca, conforme afirmação de Kayser (1986, p. 59), destruir as ordenações, alterar a organização do mundo, trazer o que é belo para o feio, o ordenado para o desordenado, em suma, uma negação do senso comum. Consoante a isso, citado por Sodré (1971, p. 72), Jean Onimus atenta que o grotesco é “uma reflexão sobre a vida, nascida de uma comparação entre as coisas tal como são em profundidade e tais como nos aparecem em superfície”. Deve-se, entretanto, além da concepção do grotesco dada por Jean Onimus, observar que essa estética além de comparar as coisas tais como elas são, as justapõem de maneira que passa também a demonstrar o equilíbrio de forças opostas.

O grotesco, entretanto, não deve ser observado apenas a partir dos elementos utilizados em sua configuração. A percepção dele é, também, decisiva para apreender as informações grotescas presentes nas obras literárias, afinal “é a percepção que instaura o grotesco como um mundo distanciado, um mundo onde as coisas conhecidas e familiares revelam-se estranhas e sinistras” (AZEVEDO, 1988, p. 78). Nesse caminho, o que torna o grotesco poderoso é, precisamente, a estranheza gerada por ele, sem que precise, necessariamente, fugir do mundo imediato e real dos homens. Dessa forma, para a percepção do grotesco dentro de uma obra de arte, é necessário um reconhecimento da realidade. Essa realidade

que se torna estranha surge por conta da desarmonia que é base para a arte grotesca, ou seja, a associação entre cômico e terrificante, o natural e o disforme, o exagerado e o preciso. Todavia, no grotesco, esse exagero deforma e, o que é mais, impõe uma natureza não resolvida no lugar do mundo real e imediato a que se está acostumado.

Essa deformação ocasionada pelo exagero pode ser encontrada de diversas maneiras, variando desde formas físicas e psicológicas até econômicas e sociais, construídas a partir de recombinações em que se alteram contornos, subtraem-se ou somam-se partes ao corpo; em outras palavras, rebaixa-se, exagera-se, violam-se fronteiras, transforma-se o corpo e a natureza levando até o burlesco, o feio e à destruição da harmonia. Nessa esteira, Muniz Sodré (1971, p. 38) percebe o grotesco como uma apreensão do *ethos* coprológico, ou seja, o fascínio pelo que é extraordinário, pela aberração, o macabro, o demente, em suma: “tudo que à primeira vista se localiza em uma ordem inacessível à ‘normalidade’”, onde falta para o ser humano uma relação segura com a vida e o que se tem é uma vivência constante com a angústia². Assim, o grotesco é fruto de um processo de decadência, desvirtuamento e desintegração de algo que se tinha belo para o que é feio, de saudável para doentio ou, como pondera Hugo (s/d., p. 36) o grotesco reúne, em sua esfera, o sublime, o terrível e o bufão, a tragédia e a comédia, o que evidencia, nessa relação dialética, a verdade, ou seja, o Homem enquanto, de fato, ser humano e tem em si, portanto, um caráter realista, pois mostra o drama do real.

E como observa o Homem em sua verdade humana, a estética do grotesco privilegia o corpo a partir de suas partes simbólicas: o ânus, o falo, a boca “invadem o mundo ou são invadidos pelo mundo” (AQUATI, 1997, p. 34). Além do mais, o ato de saciar necessidades físicas naturais do corpo e prazeres do baixo são aspectos constantemente presentes no grotesco. Dessa maneira, esta estética coloca-se contrária à estética clássica, ou até mesmo contrária em relação ao senso comum de literatura, pois, se a literatura clássica (e também o senso comum) silenciava-se no que diz respeito às funções do corpo, o grotesco caminha em direção contrária e deixa de lado o sublime e passa a expressar o corpo humano por

² Sobre o assunto, observa Kayser (1986, p. 159) que “no caso do grotesco não se trata do medo da morte, porém da angústia de viver”, sendo esta afirmação fundamental para se entender o grotesco em João Gilberto Noll.

meio das proeminências: nádegas tornam-se salientes, pés e genitálias fora de proporções, orifícios até então escondidos são postos à mostra e demonstram que o corpo grotesco “contém profundezas sem fim” (BUUREN *apud* AQUATI, 1997, p. 35). Ora, a profundidade significativa do grotesco encontra-se, justamente, na sua qualidade oposta ao sublime, pois este direciona o olhar do leitor para um mundo elevado, sobre-humano – como aponta Kayser (1986, p. 60) – já o grotesco revela ao mundo o seu caráter ridículo-disforme, desumano, noturno e abismal.

Assim, é nesse foco corpóreo que se pode conferir o rebaixamento dito anteriormente, pois esses traços característicos que constroem o grotesco apontam para uma espécie de transferência ao plano material e corporal de tudo aquilo que é alto e do céu. Nota-se, dessa forma, que o mundo grotesco possui leis e integridade diferentes da clássica, pois sua perfeição não é subordinada a padrões pré-estabelecidos da beleza e do sublime e, assim, a vida no grotesco “passa por todos os estágios, desde os inferiores inertes e primitivos até os superiores mais imóveis e espiritualizados, numa guirlanda de formas diversas, porém unitárias” (PINSKI *apud* BAKHTIN, 1987, p. 29, nota 09).

Percebe-se, com tudo que foi dito, que o grotesco é, senão, “um tipo fantasioso de decoração composta por pequenos motivos frouxamente conectados” (PAIM, 1996, p. 105), sendo que tais motivos são de origens diversas: o promíscuo do ser humano; o animal e o vegetal; seres de diferentes mitologias são postos juntos em um mesmo contexto; seres que não podem ser nomeados aparecem; a simultaneidade do que causa horror e do que causa o riso e, com isso, alterações súbitas de humor: “Eis o que caracteriza o grotesco” (PAIM, 1996, p. 112).

O grotesco em “Alguma coisa urgentemente”

Um dos aspectos constantes na estética do grotesco literário é o jogo de oposições, em que se trabalham pólos como o feio e o belo, o alto e o baixo, sendo que o grotesco encontra-se sempre entre eles. Dessa forma, concordamos com a afirmação de Kayser (1986, p. 56) de que o grotesco é uma estética que é paradoxal em si mesma, uma vez que ela se constitui no contraste entre forma e matéria. Com base nisso, um dos aspectos encontrados no conto “Alguma coisa urgentemente” (NOLL, 2001) é o jogo de oposições estabelecido entre a primeira imagem que o narrador-personagem faz de seu pai em relação a que é desenvolvida ao longo do

conto. A primeira imagem da relação pai-filho presente na narrativa está pautada no equilíbrio, visto que eles estabelecem uma relação afetuosa, o que evoca a imagem de uma típica relação familiar:

[Meu pai] Dizia-se filósofo sem livros, com uma única fortuna: o pensamento. Eu, no começo, achava meu pai tão-só um homem amargurado por ter sido abandonado por minha mãe quando eu era de colo (...) meu pai me levava para passear todas as manhãs (...) e me ensinava o nome das árvores (...) Ele dizia que o mundo não era só aquelas plantas, era também as pessoas que passavam (...) Eu pedia colo. Ele me dava e assobiava uma canção medieval que afirmava ser a sua preferida (NOLL, 2001, p. 416).

Entretanto, conforme a narrativa desenvolve-se, o protagonista “desfaz” a imagem que criara de seu pai. Todavia, o faz sem que qualquer juízo de valor seja estabelecido, mas apenas com a finalidade de apontar as mazelas vividas por este homem. Com o intuito de intensificar essa ação de desfazer a imagem cunhada, ganha destaque na narrativa o fato de o pai do protagonista, de fato, ir se desfazendo tanto no que se refere a sua presença enquanto pai, quanto ao seu próprio corpo físico. Assim, na medida em que o corpo físico degrada-se, traços grotescos vão se constituindo, pois consoante ao pensamento Bakhtin (1996, p. 87), a deformação é o índice caracterizador do grotesco. Nessa esteira, segundo a afirmação de Aquati (1997, p. 22) “o grotesco, pois, deve exibir aspectos cujos elementos mostrem a trajetória de uma desagregação do mundo e uma desfiguração do Homem”.

Dessa forma, a primeira desconstrução encabeçada pelo personagem se dá por meio desse jogo de oposições que, neste contexto, pauta-se pela oposição presença *versus* ausência. Sobre o primeiro termo, presença, ele pode ser verificado pela pergunta do garoto feita ao seu pai – “Quando é que você vai morrer” – cuja resposta imediata é “Não vou te deixar sozinho, filho!” (NOLL, 2001, p. 416). Contudo, afirma o protagonista que “No final de 1969 meu pai foi preso no interior do Paraná. (Dizem que passava armas a um grupo não sei de que espécie.) Tinha na época uma casa de caça e pesca em Ponta Grossa e já não me levava a passear” (NOLL, 2001, p. 417). Assim, pode-se dizer que o tradicional ambiente familiar, que até então imperava no conto, é posto de lado, uma vez que as atitudes do pai deixam de ser como eram. Além disso, o pai não cumpre a promessa de jamais deixar o filho sozinho, o que constrói, assim, o segundo termo supracitado, ou seja,

a ausência. Nessa esteira, é a partir daí que o corpo paterno abre margem aos traços grotescos, posto que todas as vezes que ele, pai, retorna à casa, seu corpo está mais debilitado, até chegar a um estado de putrefação e possível morte.

Após a prisão do pai, o personagem protagonista do conto vai estudar em um colégio interno. Neste local, a única notícia que tem de seu progenitor vem por parte do padre-diretor que afirma apenas “Ele [pai] vai bem” (NOLL, 2001, p. 417). Quando o filho já está crescido, o pai retorna da prisão; contudo, seu corpo já não está em um mesmo estado, pois como afirma o narrador: “ele estava sem um braço” (NOLL, 2001, p. 417). No segundo retorno do pai – que se dá um dia após o filho se prostituir – este aparece “na porta muito magro, sem dois dentes” (NOLL, 2001, p. 419). Nesse caminho, o próprio pai afirma: “Eu vim para morrer” (NOLL, 2001, p. 419). Assim, conforme afirmação de Sobreira (2010, p. 78), a revelação feita pelo pai do narrador repercute para além de uma mera constatação sobre a fragilidade de seu corpo. Dessa maneira, pode-se dizer que é como se o homem tivesse a percepção de si enquanto um ser moribundo e, portanto, reconhecesse sua natureza grotesca cunhada em errâncias que não deixaram em si qualquer rastro de sentimento e/ou experiência.

Neste caminho, se, anteriormente, ele perdera um braço, depois estava magro e sem dois dentes, o que ocorre a partir disso é uma espécie de decomposição de seu corpo: “Quando cheguei em casa entendi de vez que meu pai era um moribundo. Ele já não acordava, tinha certos espasmos, engrolava a língua e eu assistia. O apartamento nessa época tinha um cheiro ruim, de coisa estragada” (NOLL, 2001, p. 420), é isto que afirma o narrador protagonista conforme reconhece o estado calamitoso, e por dedução grotesco, de seu pai. Deste modo, vê-se que o autor cria um ambiente que causa asco ao leitor. Ora, se entendemos que o grotesco se constrói por meio de imagens que se pautam, segundo Paim (1996, p. 122), em um pequeno e nauseante horror que ameaça durar, então o uso dessas imagens corrobora a construção do grotesco neste conto de Noll, uma vez que uso da expressão “cheiro ruim de coisa estragada”, dá ao leitor a sensação de que o corpo do pai do protagonista já está deteriorado, sendo assim um ícone do corpo grotesco, e que o cheiro dessa deterioração, de fato, permanece no ar e se manterá até o fim da narrativa.

Se na estética do grotesco a relação entre o mundo e o corpo humano,

muitas vezes, se dá pelo fato de que o mundo penetra no homem ou, até mesmo, sai dele, então, na passagem “De vez em quando lhe trazia um cachorro-quente que meu amigo da Geneal me dava, mas meu pai repelia qualquer coisa e expulsava os pedaços de pão e salsicha para o canto da boca” (NOLL, 2001, p. 420) o leitor encontra-se frente a uma cena típica do grotesco. O que se tem com este excerto são duas ações que remetem, ao mesmo tempo, a tal estética: o mundo que penetra no ser humano por meio da alimentação, e a repulsa por meio da não ingerência dos alimentos. Entretanto, é importante observar que o destaque desta cena é a maneira com que o mundo é posto para fora do corpo: “meu pai repelia qualquer coisa e expulsava os pedaços de pão e salsicha para o canto da boca”. O fato é que o autor utiliza a imagem que seja mais propícia ao asco e, conseqüentemente, ao grotesco. Para tanto, o uso de vocábulos como “repelia” e “expulsava” adensam a cena em questão; além do mais, o local para o qual é expulsa a comida, no caso para o canto da boca, permite ao leitor ter uma sensação de repugnância, sensação esta que, em si, não deixa de ser, também, grotesca.

Por fim, o ápice da desconstrução do pai ocorre no fim da narrativa, em que parece estarmos diante da morte do pai. De súbito, ele “com sua voz agonizante” (NOLL, 2001, p. 421) chama o filho pelo nome pela primeira vez. Este, ao chegar ao quarto, encontra seu pai com “os olhos duros olhando” para ele e, então, o garoto pensa que “precisava fazer alguma coisa urgentemente” (NOLL, 2001, p. 422). Ao que se vê, ainda que não sejam utilizadas imagens que se referem diretamente ao asco ou ao horripilante, o fim deste conto ganha traços grotescos pela intensidade da cena final: um garoto que ouve seu nome dito pelo pai pela primeira vez naquilo que aparenta ser o momento da morte de seu progenitor. Entretanto, o fato de essa morte não ter quaisquer sinais de comprovação atua como uma mostra da já citada fala de Kayser (1986, p. 159) de que com o grotesco trata-se da angústia de viver. Assim, a partir do momento em que não há um encerramento a narrativa com uma morte real do personagem pai, então se prolonga para a eternidade a vivência da angústia sentida no último momento de vida.

Em suma, podemos observar que o disforme, neste conto, se dá de maneira gradual. Inicialmente, ele ocorre por meio da desconstrução da imagem de um pai zeloso, trabalhada por meio do jogo de oposições, sendo esta pautada pela presença *versus* a ausência; em seguida, o disforme ocorre por meio de uma

desconstrução não mais em um plano de idealização, mas sim em um plano físico corporal, em que o pai desfaz-se, realmente, aos poucos. Portanto, o corpo deteriora-se cada vez mais, até que, no fim do conto, os olhos já não possuem movimentos, o que permite uma leitura de que o pai tenha morrido. Portanto, uma das manifestações do grotesco neste texto literário de Noll pauta-se pela deformação de um dos personagens tanto no que diz respeito a suas atitudes enquanto pai, quanto, principalmente, ao seu corpo.

Em grande parte dos romances e contos tradicionais, os personagens protagonistas são enaltecidos como heróis. Nesse sentido, geralmente são personagens que fazem grandes feitos ou que, em virtude de suas aventuras e consequente experiência adquirida, tornam-se virtuosos e dignos de admiração. Contudo, é sabido que a estética do grotesco pauta-se pela quebra de valores pré-estabelecidos. Nessa esteira, sabemos, portanto, que os heróis de narrativas cunhadas pelo artifício da estética do grotesco usualmente são personagens sem *dignitas* possível, visto que estas narrativas são histórias de pessoas que não interessam à História e que são deliberadamente rejeitadas na sombra da nulidade e da insignificância; são personagens que se assemelham a andarilhos e que caminham como seres anônimos, sem que despertem qualquer sentimento de piedade e/ou identificação. Deste modo, pode-se afirmar que os personagens nollianos condizem com os de traços grotescos, posto que, em sua gênese, eles não possuem as características de um protagonista de romances ou contos tradicionais. Na realidade, trata-se, de fato, de personagens que são nulos e perambulam por diversos lugares sem que adquiram qualquer experiência.

A bem da verdade, no conto “Alguma coisa urgentemente” o protagonista da narrativa não se trata de um personagem cuja história, de acordo com o que se esperaria em uma narrativa tradicional, merecesse ser passada adiante. O que se tem neste conto de Noll é um personagem protagonista que é caracterizado, basicamente, por dois aspectos fundamentais, a saber: a errância e o rebaixamento, sendo que o segundo, pode-se dizer, é praticamente um resultado do primeiro.

No que diz respeito ao primeiro aspecto, é interessante observar inicialmente que é uma característica marcante dos romances de Noll os personagens protagonistas serem indivíduos anônimos. Com base nisso, a falta de identidade dos protagonistas se acentua dado o fato de eles serem, também,

personagens errantes. Trata-se, na maioria dos casos, de personagens que perambulam por diversos lugares, como se sua vida “não estivesse orientada teleologicamente, mas sim ao abrigo do acaso” (COSTA, 2009, p. 201). Neste caminho, Sobreira (2010, p. 77) afirma que grande parte dos personagens que compõem as narrativas de João Gilberto Noll define-se pela circulação e instabilidade. Em outras palavras, são personagens que estão sempre em trânsito, ainda que sem uma trajetória definida. Entretanto, no caso deste conto de Noll, não apenas o protagonista possui essa qualidade de indivíduo errante, pois seu pai trata-se, também, de uma pessoa cuja identidade é desconhecida e tem a perambulação como uma de suas principais características, tal como observa o narrador do conto: “O meu pai dizia não saber bem o porquê da existência e vivia mudando de trabalho, de mulher e de cidade. A característica mais marcante do meu pai era a sua rotatividade” (NOLL, 2001, p. 416).

De fato, a gênese do pai do narrador, e do filho conseqüentemente, é a rotatividade. Tanto essa afirmação faz-se verdadeira que ao elencar os lugares pelos quais passaram os dois personagens, tem-se um total de quatro estados brasileiros diferentes pelos quais eles vagueiam. O primeiro deles é o Rio Grande do Sul, onde o protagonista, ao que se percebe, passou a sua infância: “Morávamos então no alto da Rua Ramiro Barcelos, em Porto Alegre, meu pai me levava na Praça Júlio de Castilhos” (NOLL, 2001, p. 416). Mais adiante no conto, no ano de 1969, o pai do personagem principal é preso; na ocasião, o pai “foi preso no interior do Paraná (...) Tinha na época uma casa de caça e pesca em Ponta Grossa” (NOLL, 2001, p. 417). Com o pai preso, uma vizinha cuida do filho por alguns dias até colocá-lo em um colégio interno localizado em outro estado. Desta vez, já não mais no sul do país: “Puseram-me num colégio interno no interior de São Paulo” (NOLL, 2001, p. 417). Por fim, quando o pai retorna da prisão, ele decide pela mudança de São Paulo para o Rio de Janeiro: “Vamos para o Rio – ele me comunicou sentado na cama e com o braço que lhe restava sobre as pernas” (NOLL, 2001, p. 418). Deste modo, nota-se que os personagens centrais deste conto não possuem uma localização fixa, mas sim peregrinam por diversos lugares sem qualquer razão específica e, principalmente, sem adquirir destes qualquer sinal de afetação e experiência, o que condiz, portanto, com traços que constituem um personagem grotesco.

Por sua vez, o rebaixamento do protagonista do conto ocorre no momento em que ele se prostitui. Como dito, este rebaixamento se dá como consequência da errância do pai, visto que é na ausência dele que o filho termina por se prostituir:

Um deles me disse olha ali, não perde essa, cara! Olhei para onde ele tinha apontado e vi um Mercedes parado na esquina com um homem de uns trinta anos dentro. Vai lá, eles me empurraram. E eu fui.

_ Quer entrar? – o homem me disse.

Eu manjei tudo e pensei que estava sem dinheiro.

_ Trezentas pratas – falei.

Ele abriu a porta e disse entra (...) Me ofereceu cigarro, chiclete e começou a tirar a minha roupa. Eu pedi antes o dinheiro. Ele me deu as três notas de cem abertas, novinhas. E eu nu e o homem começando a pegar em mim, me mordida de ficar marca, quase me tira um pedaço da boca. Eu tinha um bom físico e isso excitava ele, deixava o homem louco. A fita tinha terminado e só se ouvia o grilo (NOLL, 2001, p. 418-419).

De fato, a prostituição do jovem pode ser lida como resultado da ausência paterna. Entretanto, se entendermos, conforme Eagleton, que o “sujeito pós-moderno, diferentemente de seu ancestral cartesiano, é aquele cujo corpo se integra na sua identidade” (1998, p. 72), então devemos depreender que o personagem desta narrativa é o sujeito pós-moderno ao qual Eagleton faz referência. Indo além desta concepção, é possível dizer que se trata, na realidade, de um indivíduo cujo corpo se integra a sua falta de identidade. Na medida em que se observa que este personagem é um indivíduo que não possui traços de identificação, uma vez que não possui nome, nem origem, seu corpo segue pelo mesmo caminho, ou seja, não possui qualquer identificação aos moldes de um homem arquetípico forjado pela sociedade. Ora, sabemos que os personagens de João Gilberto Noll são indivíduos que são impulsionados ao sexo, sendo que eles se permitem a relações heterossexuais, bissexuais, homossexuais e homoafetivas, ou seja, “esses indivíduos não se identificam com os valores heteronormativos que embasam os comportamentos vinculados à noção tradicional de masculinidade” (SOBREIRA, 2010, p. 83), o que comprova que seu corpo se integra a sua falta de identidade. Dessa forma, não se pode afirmar que a prostituição do protagonista tenha sido realizada tão somente pela falta de dinheiro, posto que ele o fez somente depois que alguns rapazes que ele acabara de conhecer lhe disseram “não perde essa, cara” (NOLL, 2001, p. 418) e o empurraram rumo ao carro do homem que buscava por

prazeres.

Com base nisso, o fato de o protagonista de “Alguma coisa urgentemente” vender seu próprio corpo constitui-se não apenas como uma forma de tentar solucionar as dificuldades que lhe são inerentes, mas também, e porque não dizer principalmente, indica seu impulso libidinoso que pode ser notado ao longo de toda a narrativa. A primeira ocasião ocorre logo após o pai lhe abandonar pela primeira vez; o garoto é colocado em um colégio interno, onde tem as suas primeiras trocas afetivas com indivíduos do mesmo sexo: “Os colegas me ensinaram a jogar futebol, a me masturbar e a roubar a comida dos padres. Eu ficava de pau duro e mostrava aos colegas” (NOLL, 2001, p. 417). Neste mesmo caminho, quando está morando no Rio de Janeiro, o eu – protagonista indica que seus impulsos sexuais são, de fato, incontrolláveis, posto ser suficiente que olhe para as pessoas para que sua libido se altere:

Meu pai me pôs num colégio em Copacabana e comecei a crescer como tantos adolescentes do Rio. Comia a empregada do Alfredinho, um amigo do colégio, e, na praia, precisava sentar às vezes rapidamente, porque era comum ficar de pau duro à passagem de alguém. Fingia então que observava o mar, a performance de algum surfista (NOLL, 2001, p. 418).

Assim, consoante ao pensamento de Dalloz (1985, p.100) de que “o traço marcante do realismo grotesco é o rebaixamento, isto é, transferência de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato para o plano material e corporal, o da terra e do corpo”, então se torna possível a afirmação de que, de fato, o personagem principal deste conto é um indivíduo grotesco, visto que no início da narrativa podemos depreender que a sua infância foi marcada por uma aparência ideal, o que foi perdido ao longo de todo o conto e culminou em um rebaixamento ao plano corporal, manifestado essencialmente pela prostituição.

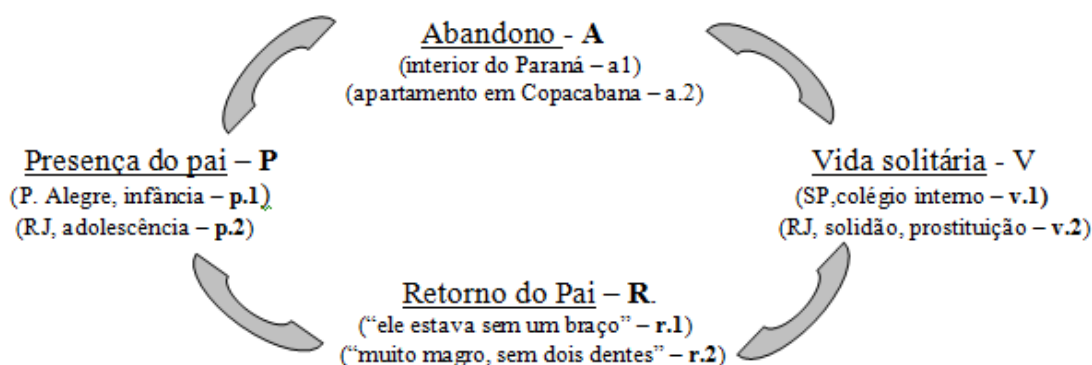
Nesta esteira, é importante afirmar que os impulsos sexuais do protagonista não podem ser entendidos a partir de julgamentos ou sob a ótica de algum juízo de valor, uma vez que uma das propostas do grotesco é dar ênfase ao corpo sem qualquer ligação com o espiritual. Na verdade, o que se tem com o grotesco é um corpo que rompe com as cadeias do pecado, com ameaças advindas do céu, visto que se trata de um corpo que encontra sua satisfação em tudo o que é

da terra, em toda a vida do presente, do aqui e agora. Dessa forma, as atitudes sexuais do personagem protagonista deste conto não podem ser entendidas à luz de moralismos, bem pelo contrário, devem ser entendidas como o baixo que serve ao personagem como meio de entrar em contato com a vida.

Portanto, o que se nota é que Noll causa certa ruptura no que se espera de um tradicional personagem de uma narrativa. Assim, ainda que a teoria do grotesco não aborde rupturas como seu elemento constituinte, é fundamental para esta análise que se aborde esse processo literário como um dos aspectos que corroboram a presença da estética dentro do conto “Alguma coisa urgentemente”. Afirma-se isto porque, conforme reflete Sodré (1971), a estética do grotesco busca romper qualquer cânone estabelecido por uma ordem e, dessa forma, ele termina por abordar em si uma imagem caótica que se constrói como pleno de sentido e, assim, apresenta rupturas que, no caso desta obra, arrancam o leitor da segurança de sua cosmovisão³ literária. Em outras palavras, prioriza-se, neste texto de Noll, “o episódico em detrimento do enredo” e, desta forma, o conto culmina por progressivamente abandonar a estabilidade para aceitar a ideia de uma crise contínua (COSTA, 2009, p. 204). Nesse caminho, as rupturas presentes nesse conto serão analisadas a partir dos seguintes aspectos: o baixo e a estagnação; lacunas deixadas na narrativa.

O primeiro caso diz respeito ao fato de que este conto é construído por meio de alternâncias entre momentos de estagnação dos personagens e posteriores momentos que se revelam como baixas que eles sofrem. Dessa forma, é importante afirmar que baixas, neste contexto, serão entendidas como qualquer espécie de manifestação grotesca realizada pelos personagens tanto no que diz respeito a suas condições quanto a suas atitudes. Nesse caminho, essas alternâncias são vistas como rupturas ao passo em que os personagens, contrariando qualquer ideia de narrativa convencional, quebram com expectativas positivistas não apenas em relação a suas vidas, mas também à maneira aberta em que o conto termina. Assim, para efetuar a análise dessas alternâncias, será utilizado como apoio o seguinte esquema apontado por Costa (2009, p. 202):

³ Termo utilizado por Kayser, 1986, p. 62.



Com base neste, pode-se verificar que o conto “Alguma coisa urgentemente” constrói-se a partir de quatro motivos fundamentais, a saber: a presença, o abandono, a vida solitária e o retorno, que perpassam toda a narrativa de forma que arquitetam as alternâncias presentes na obra literária e, portanto, corroboram a presença do grotesco no conto. Assim, devemos atentar para o fato de que esta narrativa é feita a partir de dois ciclos fundamentais, organizados na linha cronológica de p.1, a.1, v.1 e r.1 (primeiro ciclo) e, em seguida, de p.2, a.2., v.2 e r.2. (segundo ciclo).

Vemos, desta maneira, que em um primeiro momento (p.1), que ocorre logo no início do conto, o personagem principal vive uma infância alegre com seu pai, posto que, ao que é permitido ao leitor compreender, ambos viviam uma típica relação familiar. Todavia, com o protagonista ainda criança, ocorre o primeiro elemento que desencadeia a baixa inicial da sua vida: seu pai é preso (a. 1) e, assim, descumpra a promessa feita de jamais lhe abandonar. De tal modo, sua vida solitária (v.1) inicia-se neste ponto da narrativa e, talvez por isso, seu caráter grotesco, manifestado especialmente pela nulidade e ausência de identidade, começa a ser delineado. Por fim, como forma de encerrar o primeiro ciclo, seu pai retorna (r.1). Contudo, tal como o filho que teve uma baixa em sua vida, ele também se encontra com uma baixa representada pelo grotesco corporal, visto que agora ele está sem um dos braços.

Após o encerramento do primeiro ciclo, há, então, uma ligeira estagnação na história do protagonista e de seu pai. Durante um determinado tempo, eles têm uma vida marcada por uma espécie de afastamento do mundo, uma vez que, em São Paulo, vão “para um quarto de pensão onde não recebíamos visitas” (NOLL,

2001, p. 418) e, após irem para o Rio de Janeiro, moram em apartamento que embora “fosse mobiliado, ele vivia vazio” (NOLL, 2001, p. 418). Assim, ao fazermos uma comparação entre a infância do rapaz (p.1) e a sua adolescência (p.2) vemos que elas se diferem, especialmente no que tange ao fato de que, no passado, sua vida assemelhava-se a um feliz cotidiano familiar, enquanto que neste ponto da narrativa, assemelha-se a um distanciamento do mundo e a uma vida nula que teve início na prisão do pai.

Entretanto, esta estagnação se desfaz a partir do momento em que o pai, outra vez, desaparece (a.2) e o personagem principal fica sozinho no apartamento da Avenida Atlântica. Assim, como aponta Costa (2009, p. 204) no esquema acima, o segundo momento solitário do rapaz (v.2) é marcado pela solidão em demasia e pela prostituição. Essa última, como já discutido anteriormente, manifesta o maior rebaixamento do protagonista, visto que é neste instante da narrativa em que há o clímax de sua falta de identidade, em que seu corpo manifesta-se como nulo de qualquer tipo de identificação, tal qual ele mesmo enquanto indivíduo. Por fim, o segundo ciclo é fechado, novamente, com o retorno do pai (r.2) que, nesta ocasião, volta tendo conhecimento de sua morte.

A partir do que foi dito, vê-se, então, que os dois ciclos possuem diferenças entre si: o primeiro, ao que se percebe, é mais brando que o segundo. O fato é que a infância do narrador foi aparentemente alegre e, após o abandono do pai pela primeira vez, a baixa que ele sofre é manifestada por meio da vida solitária, em que traços futuros, que remetem ao grotesco, começam a ser delineados, tais como o silêncio, indicador de anonimato neste contexto, e a sexualidade. Por sua vez, no segundo ciclo, ocorrido na adolescência, inicia-se em uma estagnação oposta à aparente alegria da infância. Nesse sentido, este ciclo pauta-se na solidão, posto que o narrador vive em um apartamento praticamente vazio, e na prostituição, o que culmina em um protagonista que é totalmente nulo em suas atitudes, além de ser um personagem cuja expressão pauta-se pelo foco nas partes sexuais do corpo, sendo, portanto, um indivíduo grotesco.

Assim, podemos observar, no que diz respeito às rupturas, que essa narrativa constrói-se a partir de um movimento descendente que segue uma estrutura de decadência – estagnação – decadência. Este movimento corrobora a presença do grotesco na obra, pois este fica marcado por essa alternância entre o

rebaixamento (decadência) do personagem, sua estagnação que dura um curto intervalo de tempo e outro posterior rebaixamento. Nesse sentido, se entendemos que o grotesco privilegia o desordenado (Azevedo, 1988), concordamos com Costa (2009, p. 204) quando afirma que este esquema acima produz o caos na medida em que toda vez que a ordem se estabelece (ou estagna-se) aparece um elemento desagregador. Dessa forma, é justamente neste elemento desagregador que o grotesco manifesta-se e leva os personagens a uma decadência cada vez mais intensa. O filho por tornar-se cada vez mais nulo e revelado apenas no que tange ao baixo corporal, e o pai, por sua vez, por seu corpo ir se desfazendo gradualmente até chegar a uma, diga-se aparente, morte.

Em contrapartida, outro artifício utilizado por Noll neste conto é a ruptura pautada por questões que são deixadas em aberto. Assim, estamos diante de certas lacunas que, por sua gênese vaga, causam no leitor determinado estranhamento frente à história narrada. Nesta linha de raciocínio, entendo-se que um dos aspectos do grotesco é retirar o leitor da salvaguarda de uma tradição (neste caso de uma tradição literária), então a existência de lacunas manifesta-se como agente catalisador da estética do grotesco nesse conto, uma vez que aspectos que se supõe haver em uma narrativa tradicional, tal como um fim que encerre uma intriga, são postos de lado em favor de mistérios que não são permissíveis ao conhecimento do leitor.

Assim, há neste conto nolliano duas questões essenciais que são deixadas em aberto. A primeira delas diz respeito ao fato de que pai e filho, apesar de relativa alegria durante a infância do jovem, ao longo de suas vidas mantêm um distanciamento que culmina em certo segredo que o pai mantém e não revela ao filho. O primeiro momento em que o filho percebe esse segredo que o pai escondia se dá no início da narrativa: tão logo seu pai ser preso, uma vizinha o acolhe e afirma que o pai fora apenas viajar. Todavia, o próprio garoto afirma não deposita confiança no que lhe foi dito: “Não acreditei em nada mas me fiz de crédulo como convinha a uma criança. Pois o que aconteceria se eu lhe dissesse que tudo aquilo era mentira?” (NOLL, 2001, p. 417). Nesse caminho, no colégio interno para o qual fora levado, conhece um jovem cujo pai, segundo sua própria afirmação, fora assassinado. Essa afirmação do garoto causa relativo desconforto no protagonista do conto, dado o fato de que fazer qualquer referência ao “pai presumia um

conhecimento que eu não tinha” (NOLL, 2001, p. 418).

Em seguida, os diálogos entre pai e filho dão a entender que haverá a revelação do segredo do pai, uma vez que este, aparentemente, contará ao filho as razões de sua prisão e ausência constante. Deste modo, assim que o pai vai ao colégio interno encontrar o filho, há o seguinte diálogo:

Olhei para meu pai e disse que eu já sabia ler e escrever.

– Então você saberá de tudo um dia — ele falou (NOLL, 2001, p. 417)

De maneira semelhante, quando mudam para o apartamento vazio no Rio de Janeiro, cria-se um ambiente para que a definitiva conversa de revelações ocorra. Entretanto, o pai decide por adiar, mais uma vez, a exposição da verdade para o filho:

No Rio fomos para um apartamento na Avenida Atlântica. De amigos, ele comentou. Mas embora o apartamento fosse bem mobiliado, ele vivia vazio.

– Eu quero saber — eu disse para o meu pai.

– Pode ser perigoso — ele respondeu.

E desliguei a televisão como se pronto para ouvir. Ele disse não. Ainda é cedo. E eu já tinha perdido a capacidade de chorar (NOLL, 2001, p. 418).

Por fim, sabe-se que o pai retorna pela segunda vez com a consciência de que sua morte se dará muito em breve. Dessa forma, o segredo que ele carrega não será revelado ao filho, conforme ele mesmo insinua:

– Eu vim para morrer. A minha morte vai ser um pouco badalada pelos jornais, a polícia me odeia, há anos me procura. Vão te descobrir mas não dê uma única declaração, **diga que não sabe de nada. O que é verdade** (NOLL, 2001, p. 419, grifos meus).

Podemos perceber que uma pequena parte da revelação é feita, posto que o pai afirma que a polícia o odeia. Entretanto, o que talvez fosse ainda mais revelador é omitido pelo pai. Dessa feita, nota-se que estamos diante de uma narração edificada a partir de quebras de expectativas incitadas tanto no protagonista do conto, quanto nos leitores da obra. Ora, o fato é que o garoto entende que há um mistério em torno dos sumiços do pai, sendo que a revelação deste mistério, a bem da verdade, havia sido-lhe prometida tão logo ocorreu o

retorno do pai pela primeira vez. Nessa esteira, no momento em que a realidade poderia vir à tona, o pai decide por abdicar-lhe a revelação, visto que prefere não revelar nada naquele instante e, assim, quebra a expectativa do filho sobre o conhecimento dos fatos. De maneira semelhante, os leitores da obra também são colocados diante de uma iminente revelação de qual fosse o mistério que envolve o pai, mas que, entretanto, lhes é negada tal como foi, também, ao protagonista da narrativa.

Por sua vez, a outra questão que se apresenta como uma lacuna é o fim da narrativa que fica em aberto a diversas interpretações dos leitores. O que se tem, na realidade, é uma sensação de morte do pai, visto que ele “estava com os olhos duros olhando” (NOLL, 2001, p. 422) para o garoto. Assim, o fato de o pai ter avisado que viera para morrer somado a seu corpo estar definhando leva os leitores a entenderem que o pai, na realidade, morreu. Entretanto, tal interpretação é passível de questionamento, posto que a reação do filho de ficar parado à porta pensando que era necessário fazer algo urgentemente abre margem a seguinte questão: “Era necessário fazer algo urgentemente em relação a quê?” Como resposta, podemos ter as mais variadas: em relação a sepultar seu pai, caso ele tenha, de fato, fenecido; levá-lo a um médico para que se recupere; em relação a sua própria vida que cada vez mais se aproxima a ser, de fato, ausente do pai para sempre.

Portanto, as duas quebras de expectativa deste conto – o mistério do pai e o fim em aberto – trabalham juntas a fim de acentuar a questão das lacunas nele presentes. O fato de no fim da narrativa o leitor não poder estar seguro quanto à morte do pai do protagonista contribui para a sensação de estranhamento iniciada pela não revelação do mistério paterno. Além disso, ressalta-se que, conforme o leitor possa entender que o pai realmente morre, então o mesmo acontece com o mistério que o envolve. Dessa forma, deixa-se em aberto diversas interpretações, sem que o leitor tenha a segurança de que qualquer uma delas seja correta. Nessa esteira, essa falta de segurança e conseqüente estranhamento sentido pelo leitor são os efeitos grotescos gerados pela presença de lacunas encontradas dentro deste texto literário.

Conclusão

Com base no que foi visto, podemos dizer que o grotesco literário, em certa medida, atua como uma espécie de força questionadora de conteúdos e teorias. De conteúdos, pois ele traz à luz discussões a respeito de temas que, muitas vezes, são considerados como pertencentes à “baixa literatura”, ou ainda, que são evitados em decorrência de moralismos. Por outro lado, surge como força questionadora de teorias, uma vez que quebra com quaisquer tipos de padrões preestabelecidos e, nesta linha de raciocínio, busca no caos a força de sua manifestação.

Assim, na medida em que o grotesco transpassa este conto, sua manifestação conduz os leitores a um imediato estranhamento em relação ao conteúdo veiculado no texto literário. Esse estranhamento, condição básica para a identificação do grotesco, é o princípio fundamental que leva a questionamentos que se desenrolam ao longo de toda a narrativa. Dessa forma, podemos pensar que o grotesco manifestado em “Alguma coisa urgentemente” desdobra-se, portanto, em três questionamentos principais: aqueles acerca das teorias do conto; da visão que o senso comum tem de literatura e, por fim, acerca da própria teoria do grotesco.

Cortázar (1993, p. 151) faz uma comparação entre o trabalho do contista e do fotógrafo. Entende o autor que na fotografia há uma limitação imposta pelo campo reduzido que a câmera abrange. Dessa forma, o trabalho do fotógrafo é recortar um fragmento da realidade de modo que o recorte final atue como visão que transcende o campo abrangido pela câmera. Nessa acepção, o trabalho do contista é, portanto, semelhante ao trabalho do fotógrafo, posto que o escritor busca acontecimentos que sejam significativos ao leitor e, assim, sejam capazes de atuar nele como uma espécie de abertura em direção a algo que vai além dos aspectos literários presentes no conto. Consoante ao pensamento de Cortázar, Sílvia Romero (*apud* LIMA, s.d., p. 15-16) afirma que o conto é “apenas a narração de uma situação passageira na vida de uma personagem, em seu meio normal, só ou em relação a alguém”.

Entretanto, no caso da obra estudada, ambas as afirmações podem ser questionadas. Se entendermos, como Cortázar, que o conto funciona como uma espécie de fotografia e, portanto, captura um instante da vida de uma personagem, chamo a atenção para o fato de que este conto de Noll não se trata de apenas um

instante da vida do personagem, mas sim de vários momentos. Dessa maneira, o conto, então, não seria construído a partir de uma situação passageira na vida do protagonista; pelo contrário, trata-se de uma exposição de grande parte da vida do narrador. É possível entender, portanto, que esta narrativa não é composta, então, de apenas uma fotografia, mas sim de várias. Neste sentido, estaríamos diante de fotografias que revelam dois passados do protagonista, no caso, sua infância e sua juventude; da mesma forma, temos, também, diversas fotografias de diferentes espaços geográficos, uma vez que o personagem passa sua vida em diferentes estados brasileiros: Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e, por fim, Rio de Janeiro.

Portanto, o que se vê com este conto de João Gilberto Noll é que o grotesco literário age de forma a problematizar questões acerca de qualquer definição estanque do que seja, necessariamente, um conto. Assim, concordamos com Omil e Pierola (s/d., p. 79-81) de que qualquer tentativa de criar uma classificação do conto pode ser em vão e que talvez o mais coerente fosse estabelecer classificações conforme as preocupações do ser humano em cada etapa de civilização. Assim, entendem os autores que, no caso da época atual, o ponto principal de reflexão é o ser humano cada vez menor frente a um mundo que não pode dominar, o que, de fato, parece ser a gênese dos romances nollianos, bem como do conto “Alguma coisa urgentemente”, uma vez que o que se tem é um personagem que corporiza o mundo e, assim, torna-se um indivíduo grotesco.

Nessa esteira, concordando-se com Walter Benjamin (1996) e com Adorno (2003) pode-se afirmar que o grotesco presente neste conto de Noll atua como uma tentativa de chamar a atenção do leitor para a importância de aspectos estéticos presentes em uma obra literária. Dessa forma, muito mais que apenas dar informações acerca dos personagens e do universo ficcional que compõem um texto literário, um autor (e, por conseguinte, o narrador) que se apoia no grotesco como estética fundamental de seu trabalho, busca romper com qualquer ideia alimentada pelo senso comum de que a boa literatura seja aquela pautada em valores como sobriedade e comedimento. Assim, no caso deste conto, as falas de Benjamin e Adorno corroboram as afirmações aqui feitas acerca da presença do grotesco no conto, visto que, a fim de dar mais do que meras informações sobre o personagem protagonista, Noll vai além da habilidade de narrar e, por meio do grotesco (no caso

deste conto, edificado por meio de dissonâncias e abandonos) leva o leitor a uma reflexão sobre a própria noção de literatura.

Um exemplo de tal afirmação é o fim do conto. Este final dá margem para uma discussão da narrativa tanto no que diz respeito ao conto quanto ao romance. De acordo com o senso comum (e até mesmo algumas teorias), toda narrativa deve encerrar uma intriga que foi iniciada ao longo da história narrada. Contudo, este conto de Noll – assim como vários de seus romances – rompe com essa usualidade, o que causa no leitor um “choque do inaudito”, visto que ele se encerra sem que o leitor possa saber com total segurança o que ocorreu no “final” da narrativa.

Por fim, Bakhtin (1987) defende a ideia de que o grotesco só tem seu sentido se vinculado ao riso. Entretanto, nota-se neste conto que o riso não está presente. Com isso, somos levados a repensar o grotesco literário, pois, o que se tem com Noll é o grotesco literário evidenciado de forma não tão eufórica, o que nos obriga a revisitar a teoria acerca do grotesco e (re)vê-lo, também, a partir dessa perspectiva. Além do mais, se os contos de Noll, aliados ao grotesco, terminam por indicar uma reflexão da estrutura narrativa, deve-se repensar também o grotesco enquanto manifestação **na** estrutura narrativa e não apenas em seu conteúdo.

Referências

ADORNO, T. W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: _____. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003, p. 55-63.

AQUATI, C. **O grotesco no Satíricon**. Tese (Doutorado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

AZEVEDO, S. M. O grotesco em Machado de Assis: uma leitura de A causa secreta. **Transf/Form/Ação**. nº 11, 77-88, 1988.

BAKHTIN, M. **A Cultura popular na Idade Média e Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Universidade de Brasília, Hucitec, 1987.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 114-119.

CORTÁZAR, J. **Valise de cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

COSTA, R. M. O antienredo de João Gilberto Noll. **Língua, literatura e ensino**. Vol. IV, mai, 2009.

DALLOZ, J. A. Boleros, tanto boleros: a presença do grotesco em Três tigres tristes. In: COUTINHO, E. **A unidade diversa: ensaios sobre a nova literatura hispano-americana**. Rio de Janeiro: Anima, 1985, p. 99-123.

EAGLETON, T. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

HUGO, V. **Do grotesco e do sublime**. São Paulo: Perspectiva, s.d.

KAYSER, W. **O grotesco**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

LIMA, H. Variações sobre o conto. **Cadernos de Cultura**, Ministério da Cultura e Saúde, s.d.

NOLL, J. G. Alguma coisa urgentemente. In: MORICONI, I. (Org.) **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

OMIL, A.; PIEROLA, R. **El cuento y sus claves**. Buenos Aires: Nova, s.d.

PAIM, G. R. A poética dos grotescos. **Qfwfq**. vol. 02, nº 01, p. 105-125. 1996.

SOBREIRA, R. S. **Escritas indeterminadas e sujeitos fragmentários em contos pós-modernos de João Gilberto Noll e Sam Shepard**. 2010. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

SODRÉ, M. **A comunicação do grotesco**. Petrópolis: Vozes, 1971.